

Anjo caído

COMO FREDERICK WASSEF, QUE SE "CONFUNDE COM BOLSONARO", TORNOU-SE A MAIOR USINA DE CRISES DO GOVERNO

por THAIS REIS OLIVEIRA

O advogado Frederick Wassef, ou Fred, como é conhecido, gosta de dizer que foi o primeiro incentivador da campanha de Jair Bolsonaro à Presidência. Encantou-se com o ex-capitão em 2014, quando, hospitalizado durante a recuperação de um câncer, assistiu no YouTube um vídeo dele em defesa do controle da natalidade. Percebeu que comungavam das mesmas ideias em relação a armas, religião, política e segurança pública. Impetuoso, ligou para o gabinete do então deputado e marcou uma reunião. A relação estreitou-se e Wassef passou a atuar como consultor jurídico de Bolsonaro. Costumava gabar-se de ter um telefone celular exclusivo para falar com a família do ex-capitão. Embora não trabalhe para o governo, tinha amplo acesso ao Palácio do Planalto

e ao Alvorada. Na agenda oficial do presidente constam três encontros: dois em dezembro do ano passado, quando o Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro pediu busca e apreensão em endereços ligados a Flávio Bolsonaro e a Fabrício Queiroz, e outra em 14 de maio deste ano, em meio aos desdobramentos do depoimento do ex-ministro Sérgio Moro à Polícia Federal. Os encontros eram mais frequentes no Alvorada e aos fins de semana: foram ao

**DE ÍNTIMO
O ADVOGADO
PASSOU A SER
TRATADO COMO
PÁRIA APÓS
A PRISÃO
DE QUEIROZ**

menos mais dez fora da agenda oficial.

Desde 18 de junho, quando se soube que Fabrício Queiroz escondia-se em um sítio de Wassef em Atibaia, o advogado passou a ser tratado como pária pelo círculo mais próximo de Bolsonaro. Naquele mesmo dia, Karina Kufa, também advogada do ex-capitão e atual tesoureira do Aliança pelo Brasil, divulgou uma nota na qual afirma que Wassef não representa o presidente em ações judiciais. Irritado, ele reafirmou a relação jurídica. Não falta substância à alegação. Wassef possui ao menos nove procurações para advogar em nome do clã Bolsonaro. São três de Bolsonaro, três de Flávio e outras três assinadas por Carlos Bolsonaro. Deixou, porém, de ser advogado de Flávio no caso Queiroz.

Wassef guarda muitas semelhanças com o ex-ministro Gustavo Bebianno, morto de infarto em março. Ambos são advogados, admiradores apaixonados de Bolsonaro e afeitos ao misticismo: à imprensa, tanto Wassef quanto Bebianno afirmaram que "forças ocultas" tentavam prejudicar o presidente. Também disputavam o posto de "inventor" do candidato. Amigos de Bebianno ouvidos por *CartaCapital* dizem que o advogado disse a Bolsonaro várias vezes para não confiar em Wassef, a quem considerava perigoso. Conforme mingua a influência de um, aumentava a do outro. Quando Bebianno deixou o governo, em fevereiro de 2019, Wassef há algum tempo atuava informalmente no caso Queiroz. Quatro meses depois, em junho, assumiu formalmente a defesa de Flávio. Naquele mês, convenceu o ministro José Dias Toffoli a paralisar as investigações abertas com base em dados do Coaf, que monitora transações financeiras. Completada a missão, Wassef passou a ostentar mais abertamente a sua influência. Em outubro, quando o *Jornal Nacional* levou ao ar a reportagem na qual o porteiro do condomínio de Bolsonaro envolveu o "Seu Jair" no

SÉRGIO LIMA/AFIP



Pinta de figurante
da Família Soprano

caso Marielle Franco, Wassef foi ouvido na condição de advogado do presidente.

O empresário Paulo Marinho, um dos mais influentes apoiadores de Bolsonaro na campanha presidencial, diz nunca ter estado cara a cara com Wassef. “Ele frequentava a casa do presidente. Na minha casa não esteve.” Mas se lembra de um episódio emblemático. Durante a campanha, Wassef foi até a sua casa no Rio de Janeiro, então QG da campanha, acompanhado de Meyer Nigri, dono da Tecnisa, e de um empresário da aviação civil. Bebianno impediu a entrada do desafeto. O mesmo Bebianno contou a outro interlocutor ouvido por *CartaCapital* uma outra história. Confirmada sua saída do governo, em fevereiro de 2019, ele foi até gabinete de Bolsonaro para se despedir. Magoado, disse ao presidente que Wassef era o problema e vaticinou que o desafeto destruiria sua vida. Bolsonaro, segundo ele, irritou-se. Sobrou para o general Heleno apartar a briga.

Inicialmente, coube a Bebianno e a Marinho traçar a estratégia de defesa do filho 01 nos tribunais. Em 18 de dezembro, Flávio procurou Marinho novamente e afirmou que, após ter conversado com Bolsonaro, decidiu montar um outro esquema jurídico. “Ele não me revelou quem era, mas depois vim a saber que era Wassef”, afirma. Naquele mês, o advogado carioca Paulo Klein assumiria a defesa de Fabrício Queiroz. Klein atuou como advogado de Maria Cristina Boner Leo, ex-mulher de Wassef, em um processo criminal movido por ela contra outro ex-marido. À época, ela e Wassef ainda mantinham uma união estável. Klein deixou a defesa de Queiroz no fim do ano passado, um dia após o Ministério Público do Rio de Janeiro pedir busca e apreensão em endereços ligados a Flávio e a Queiroz. O novo advogado do ex-policial, Paulo Emílio Catta Preta, também

presta serviços à ex-mulher de Wassef. Atualmente, consta como advogado de Boner Leo em uma ação cível. Defendeu-a ainda entre 2012 e 2018 no chamado Mensalão do DEM. A empresária é acusada de pagar propina a integrantes do governo do Distrito Federal em troca de contratos.

Ao contrário do que o apelido “anjo” sugere, Wassef atua nas sombras. Em uma das primeiras incursões como advogado, chegou a defender Valentina de Andrade, de quem se aproximou após ler um livro chamado *Deus, a Grande Farsa*, base de uma seita liderada por ela chamada Lineamento Universal Superior. Á época, Valentina foi acusada de participar da morte de uma criança em um ritual de magia negra em Guaratuba, no Paraná. A acusação jamais foi provada e o caso permanece sem desfecho. No meio da investigação, Wassef teve a prisão preventiva expedida, sob alegação de conviver com integrantes da seita, mas a Justiça não avaliou o pedido. Desde então, ele só aparece como advogado em processos nos quais tem interesse pessoal. Tem o costume, segundo rivais nos tribunais, de não assinar as atas de audiências. Em entrevista à revista *Época* no ano passado, justificou a discrição: “Toda a vida fui um cara discreto, não gosto de fama ou de holofote. Vou lá e faço tudo fisicamente. Assino. Você nunca vai achar meu nome nos processos eletrônicos, e faço de propósito. Não quero que saibam que advogo para o Flávio Rocha (acionista das lojas Riachuelo), para o David Feffer (acionista da Suzano Papel e Celulose)”. Tanto Rocha como Feffer negam um dia terem sido seus clientes.

O ponto mais luminoso de sua biografia envolve Boner Leo, com quem manteve união estável entre 2007 e 2017. Em 2010, vendeu a ela um terreno em um brejo por 2,9 milhões de reais. A empresária enriqueceu como revendedora licenciada da Microsoft nos anos 1990. Fundou anos depois o

SUA EX-MULHER MANTÉM CONTRATOS MILIONÁRIOS COM O GOVERNO FEDERAL

Grupo Globalweb, dono de sete empresas de segurança de informação, desenvolvimento de *softwares* e outros serviços. Além do caso do Mensalão do DEM, também figurou na Lava Jato. Outra empresa sua, a B2BR, é suspeita de ter feito pagamentos às empresas de Paulo Roberto Costa, ex-diretor da Petrobras. Em 2019, foi condenada pela Fazenda Pública por improbidade administrativa. Responde ainda a um processo criminal no Tribunal de Justiça do Distrito Federal. O Ministério Público pediu que a empresária seja condenada a 15 anos de prisão por 168 acusações, além de pagar 43 milhões de reparação aos cofres públicos. A Globalweb



Em tese, Wassef e Maria Cristina Boner Leo estão separados. Mas a amizade continua

Outsourcing, administrada agora por sua filha, Bruna Boner Leo, faturou neste ano e meio de governo Bolsonaro 41,6 milhões em contratos com a administração federal e com estatais. Para amealhar quantia semelhante nas gestões Dilma e Temer, levou quatro anos. Também sob a faixa de Bolsonaro, o governo suspendeu uma multa de 27 milhões de reais a um consórcio do qual a Globalweb faz parte.

Há 13 anos, ela e o ex-marido Antonio Bruno Di Giovanni Basso, ex-vice-presidente de contas de mercado governamental da Microsoft, brigam na Justiça pela partilha dos bens, avaliados em 200 milhões de reais. Ela o acusa de agressão e extorsão. Boner Leo e Wassef continuam amigos. Há quem acredite que o rompimento é de fachada. Wassef era, até o ano passado, representante legal da ex-mulher.

A altura, o nariz proeminente, os paletós escuros e o cabelo penteado rente ao crânio dão a Wassef pinta de figurante da série *Família Soprano*. O desfecho do caso Queiroz rendeu-lhe, nas redes sociais, comparações a outro personagem televisivo: Saul Goodman, o advogado que, para limpar a barra do traficante Walter White, na série *Breaking Bad*, cometia os mais improváveis crimes. Em entrevista, disse que Queiroz estava em sua casa em Atibaia “por questões humanitárias”. O Ministério Público de Contas, diz, no entanto, ter observado “clara conduta de obstrução à Justiça” no episódio a envolver o ex-assessor parlamentar do senador. Com base em tal indicação, a OAB abriu um processo. Terminada a série, Goodman escapou ileso. Na novela brasileira, o destino não se mostra muito auspicioso aos anjos caídos de Bolsonaro. Queiroz está algemado e preso. Bebianno levou segredos para o túmulo. Wassef, certamente, ainda tem muito a explicar. •